

Artículo Original

# Formação de Terapeutas Ocupacionais para a antiopressão: A experiência de uma universidade brasileira

Formación de Terapeutas Ocupacionales para antiopresión: La experiencia de una Universidad brasileña

Training of Occupational Therapists for anti-oppression: The experience of a brazilian university

Ana Laura Gomes de Moura <sup>1</sup>, Jéssica Daiane Matias Silva <sup>2</sup>, Amanda Carvalho Vieira <sup>3</sup>, Rafael Garcia Barreiro <sup>4</sup>,  
Magno Nunes Farias <sup>5</sup>

<sup>1</sup> Terapeuta Ocupacional pela Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.  
gomesanalaura@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4624-6308>

<sup>2</sup> Terapeuta Ocupacional pela Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.  
jdaiane97@yahoo.com. <https://orcid.org/0000-0001-7275-8396>

<sup>3</sup> Estudante de Terapia Ocupacional pela Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.  
vieira.carvalho@aluno.unb.br. <https://orcid.org/0009-0003-6886-4163>

<sup>4</sup> Docente de Terapia Ocupacional na Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia. Mestre e Doutor em Terapia Ocupacional. Bahia, Brasil.  
rafaelbarreiro@ufba.br. <https://orcid.org/0000-0002-6699-2386>

<sup>5</sup> Docente de Terapia Ocupacional Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília. Mestre e Doutor em Educação. Brasília, Brasil.  
magno.farias@unb.br. <https://orcid.org/0000-0002-9249-1497>

Recibido: 11/03/2024  
Aceptado: 13/12/2024  
Publicación: 26/12/2024

**Resumo:** Apesar da formação generalista que se pretende ofertar nos cursos de terapia ocupacional, evidencia-se que ainda predominam perspectivas acrí-ticas no ensino relacionado à diversidade. Na Universidade de Brasília (UnB) essa questão foi debatida entre as discentes, pois estas se queixavam de não existirem disciplinas que discutissem o tema raça/etnia, de forma específica, bem como outros marcadores sociais da diferença. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é discorrer sobre a experiência do curso de terapia ocupacional da UnB na implementação de uma disciplina (componente curricular) sobre os marcadores sociais da diferença e a intervenção terapêutico-ocupacional. A partir da reivindicação de um grupo de alunas negras, consolidou-se a disciplina *Pesquisa em Terapia Ocupacional 1*, com o tema *Marcadores Sociais da Dife-rença e Práxis Antiopressiva* no curso da universidade. Essa experiência mostra a relevância da presença de disciplinas nos cursos de terapia ocupacional que abordem os marcadores sociais da diferença, de modo que haja uma formação de profissionais engajados, que se alinhem a uma prática técnica, ética e polí-tica e estejam atentos aos cotidianos e modos de vida, por vezes, invisibilizados, buscando realizar uma práxis transformadora.

**Palavras Chaves:** Formação. Terapia Ocupacional. Fatores Raciais. Instituições de Ensino Superior.

**Resumen:** A pesar de la formación generalista que se pretende ofrecer en los cursos de terapia ocupacional, es evidente que en la enseñanza relacionada con la diversidad siguen predominando las perspectivas acríticas. En la Universidad de Brasilia (UnB), este tema fue debatido entre los estudiantes, que se quejaban de que no había disciplinas que trataran específicamente el tema de la raza/etnia, así como otros marcadores sociales de diferencia. En este sentido, el objetivo de este estudio es discutir la experiencia del curso de terapia ocupacional de la UnB y el proceso de evaluación realizado por los estudiantes, sobre contenidos que abordaron los marcadores sociales de diferencia y la intervención terapéutico-ocupacional. A partir de la organización y lucha de un grupo de estudiantes negros, se consolidó la disciplina *Investigación en Terapia Ocupacional 1*, con el tema *Marcadores Sociales de Diferencia y Praxis Antiopresiva* en el curso universitario. Esta experiencia muestra la relevancia de la presencia de contenidos en los cursos de terapia ocupacional que abordan los marcadores sociales de la diferencia, de manera que hay una formación de profesionales comprometidos, alineados con una práctica técnica, ética y política y atentos a la cotidianidad y a las formas de vida, a veces invisibles, buscando llevar a cabo una praxis transformadora.

**Palabras Claves:** Formación. Terapia Ocupacional. Factores raciales. Instituciones de Enseñanza Superior.

**Abstract:** Despite the generalist training that is intended to be offered in occupational therapy courses, it is evident that uncritical perspectives still predominate in teaching related to diversity. At the University of Brasília (UnB), this issue was debated among the students, as they complained that there were no disciplines that specifically discussed the theme of race/ethnicity, as well as other social markers of difference. In this sense, the objective of this study is to discuss the experience of the occupational therapy course at UnB in the process of claiming, made by the students, a discipline that addressed the social markers of difference and the therapeutic-occupational intervention. From the organization and struggle of a group of black students, the discipline *Research in Occupational Therapy 1* was consolidated, with the theme *Social Markers of Difference and Antioppressive Praxis* in the university course. This experience shows the relevance of the presence of disciplines in occupational therapy courses that address the social markers of difference, so that there is a training of engaged professionals, who are aligned with a technical, ethical and political practice and are attentive to daily lives and ways of life, sometimes invisible, seeking to carry out a transformative praxis.

**Keywords:** Training. Occupational Therapy. Racial Markers. Higher Education Institutions.

## 1. Introduzindo a experiência

A formação em terapia ocupacional está em constante transformação, sendo influenciada pelas dinâmicas sociais e diferentes contextos em que os profissionais atuam, com forte diálogo com as pessoas, grupos, coletivos e populações que trabalham juntamente e suas atividades, ocupações e cotidianos. Assim, espera-se que uma terapeuta ocupacional seja capaz de promover mudanças, na dialética individual e coletiva, em qualquer ambiente, de acordo com sua formação crítica e ampla, que contemple a abordagem interdisciplinar e todas as questões envolvidas nessa prática profissional (Brasil, 2002, 2020).

Tendo em vista a complexidade dessa discussão, que requer esforços da comunidade profissional para constantemente aperfeiçoar a formação, este artigo tem por objetivo apresentar a experiência do curso de terapia ocupacional da Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de Ceilândia, na implementação de uma disciplina sobre os marcadores sociais da diferença e a intervenção terapêutico-ocupacional, a partir da reivindicação de estudantes do curso que sensibilizaram o corpo docente sobre a necessidade de maiores reflexões sobre o assunto.

A nova proposta das Diretrizes Curriculares da Terapia Ocupacional (DCNs), no Brasil, que ainda está em tramitação legalmente (em análise pelo Conselho Nacional de Educação), dá indícios sobre o caminho atual de formação de profissionais, estabelecendo que uma das diretrizes é: “Adoção da concepção ampliada de atividades/ocupações/cotidianos, como ferramenta de inclusão, promoção da cidadania e transformação social que contribui para a redução da distância entre a privação e/ou desvantagem e o potencial de pessoas, grupos, coletivos e populações” (Brasil, 2020, p. 9). Sendo

que, para isso, é essencial educar terapeutas ocupacionais que compreendam os marcadores sociais da diferença (classe social, étnico-racial, geracional, deficiência, gênero, sexo, religião, territorial, entre outros) que envolvem processos de desigualdade social.

Em diálogo com Barros et al. (2007), entende-se que valorizar a diversidade na terapia ocupacional implica reconhecer a existência de um público-alvo diversificado em múltiplos aspectos. Dentro de uma mesma cultura ou subcultura, é importante considerar fatores como idade, gênero, processos de socialização, classe social, raça e língua, os quais demandam (re)pensar nos métodos e objetivos da ação profissional. Em cenários onde há experiências sociais marcadas por desigualdades ou convivem práticas socioculturais distintas, é essencial apreender as dinâmicas culturais envolvidas, os códigos e símbolos que interagem ou entram em conflito de forma ainda mais profunda. Nesse sentido, esse processo descrito por Barros et al. (2007) é fundamental para a formação de terapeutas ocupacionais, dentro de um movimento de reconhecimento das diferenças e ampliação da igualdade (Lopes, 2023).

Tendo em vista a importância desse debate, aqui se busca apresentar, especialmente, a experiência da UnB, Faculdade de Ceilândia, na articulação de estratégias formativas que vão ao encontro da valorização da diferença e fortalecimento das diversidades.

O curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia, na UnB, foi aberto em 2008, iniciando a formação de terapeutas ocupacionais, até então inédita no Distrito Federal, com o desenho curricular voltado para o cuidado em saúde, conforme o modelo do Sistema Único de Saúde brasileiro e

suas complexidades, considerando a articulação dos níveis preventivo, assistencial e promocional do biológico e do social (Universidade de Brasília [UnB], 2009).

É importante destacar que a Faculdade de Ceilândia, bem como o curso, surge a partir do *Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais* (Reuni), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, do Ministério da Educação – MEC (UnB, 2009), que teve como objetivos criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior no Brasil. Além disso, esse processo somou-se às reivindicações dos movimentos sociais e populares da Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal, ao encontro da elevada demanda social da comunidade local para o acesso à universidade pública e gratuita.

Apesar do esforço na atualização dos conteúdos das disciplinas e a contratação de um docente para a terapia ocupacional social em 2014, as estudantes ainda se queixavam de não existir ao menos uma disciplina que discutisse o tema raça e etnia e outros marcadores sociais da diferença (Melo et al., 2020), bem como pensar uma prática antirracista/antiopressiva no campo da terapia ocupacional. Por isso, as alunas se mobilizaram e reivindicaram uma disciplina que abordasse questões étnico-raciais, bem como outros temas sobre diversidade.

De acordo com Grenier et al. (2020), esses desafios perpassam vários contextos educacionais da terapia ocupacional. As autoras pontuam que, apesar de estudos recentes indicarem uma inclinação em direção a processos formativos baseados em teorias e práticas críticas, perspectivas acríicas ainda predominam no ensino de terapia ocupacional relacionado à diversidade. Por fim, con-

clui-se que é primordial que os educadores adotem pedagogias e abordagens inseridas em paradigmas educacionais críticos, indicando o potencial formativo voltado para o desmantelamento e desconstrução de discursos opressores, para refletir as realidades das relações de poder que criam injustiças sistêmicas. Essa percepção foi central na experiência aqui colocada, no sentido de mobilizar essa potencialidade em prol de uma formação mais ética, política, reflexiva e crítica.

Assim, o processo de reivindicação da disciplina partiu da movimentação de um grupo de estudantes negras de diferentes semestres do curso de terapia ocupacional (Moura et al., 2021). Essa ação ocorreu por meio do lançamento de um abaixo-assinado das estudantes, que enxergavam a necessidade da aproximação dos estudos acerca das singularidades da população negra no que tange a seus contextos estruturais, de saúde e determinantes histórico-sociais.

O abaixo-assinado foi amplamente divulgado pelas redes sociais das estudantes e do Centro Acadêmico do curso, alcançando 105 assinaturas. O documento foi entregue ao grupo de docentes do curso, que acolheram a discussão no Colegiado, deliberando que o conteúdo fosse incluído inicialmente na disciplina optativa de *Pesquisa em Terapia Ocupacional 1* (com 30 horas teóricas), cuja característica é abordar temáticas distintas, que normalmente não são tratadas com profundidade em disciplinas obrigatórias, tendo em vista enriquecer a formação dos estudantes e responder à demanda colocada.

Como uma resposta ao movimento estudantil e as diversas discussões geradas sobre essa pauta, determinou-se também a inclusão do conteúdo em uma disciplina obrigatória na reforma do projeto pedagógico do curso, naquele momento em análise pelas instâncias superiores da universidade e, conseqüentemente, houve a contratação de mais

um docente efetivo para área social, com ênfase na temática reivindicada pelas estudantes.

Dessa forma, desde o período letivo de 2021.1, a disciplina *Pesquisa em Terapia Ocupacional 1* foi conduzida com o tema *Marcadores Sociais da Diferença e Práxis Antiopressiva*, e ministrada pelo professor (informação suprimida). Com o processo da reforma da matriz curricular do curso ocorrendo e visando garantir a inclusão a implementação do conteúdo a estudantes já inseridos no curso, garantiu-se a abertura de turmas semestrais na disciplina optativa no currículo *Pesquisa em Terapia Ocupacional 1*, sinalizando o compromisso com a temática, recebendo apenas estudantes do curso de terapia ocupacional, de diversos períodos da graduação, tendo em vista que não há pré-requisitos, ou seja, disciplinas que deveriam ser cursadas antes desse componente curricular. Cabe salientar que a UnB, em seu regimento, estabelece a organização da carga horária de seus cursos em 70% de conteúdos obrigatórios e 30% de conteúdos optativos (Universidade de Brasília [UnB], 2023), o que revela a necessidade do curso em ofertar disciplinas optativas aos estudantes.

O conteúdo programático se organizava por: aspectos históricos e estruturais da sociedade desigual e contraditória; marcadores sociais da diferença (classe, raça/etnia, gênero, sexualidade, geração, deficiência, território, etc.); estrutura opressiva e níveis de opressão; injustiça e justiça social; transformação social e cotidiano; trabalho terapêutico-ocupacional na dialética micromacrossocial; práxis terapêutico-ocupacional antiopressiva e antirracista. Seu objetivo geral é apresentar os conceitos e reflexões em torno dos marcadores sociais da diferenças nas sociedades, como um processo social, econômico, histórico e cultural, discutindo: a) a estrutura opressiva e os níveis de opressão na sociedade ontem e hoje; b)

os conceitos de injustiça e justiça voltada para indivíduos e grupos sociais, que envolvem a redistribuição, o reconhecimento e a participação social; c) transformação social, cotidiano e trabalho dialético entre estrutura micromacrossocial; d) as práxis da terapia ocupacional para romper lógicas de opressão, a partir de um trabalho antiopressivo e antirracista, voltado para uma terapia ocupacional, como prática da liberdade.

As atividades didáticas da disciplina envolviam a leitura e o debate de textos, a realização de atividades expressivas, de mapas conceituais e de seminários, com avaliações individuais e grupais.

## 2. A importância da disciplina

A disciplina discorreu de diferentes temas, tendo como ponto central o fomento de uma prática terapêutica-ocupacional que rompa com as formas de opressão, a partir de uma *terapia ocupacional como prática de liberdade e antiopressiva*, segundo Farias e Lopes (2022).

Entende-se que as racionalidades neoliberais e capitalistas são engendradas no modelo estruturante da sociedade brasileira, as quais necessitam, constroem e se sustentam a produção de opressões e desigualdades sociais, pautando-se em princípios universais da concorrência, da individualidade e da meritocracia. Tendo em vista que esse fator invade todas as realidades, os cursos de graduação em saúde ainda enfrentam um certo reducionismo ao abordar o estudo sobre corpos e vivências, ainda centrados no modelo biomédico e patológico. Ao tecer um olhar para a atuação da terapia ocupacional, é possível perceber que existem determinantes macroestruturais que interferem diretamente nos modos de vida de diversas populações, sendo inadiável um debate mais profundo sobre esses aspectos.

Compreende-se que o terapeuta ocupacional deve estar voltado não apenas para o indivíduo, mas para os diversos contextos coletivos, como um articulador social entre o sujeito, o cotidiano e atividade humana. A exemplo, isso é disposto na Resolução do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (Coffito) nº 383, de 2010:

*[...] terapeuta ocupacional no campo social atua como articulador do desempenho ocupacional por meio do manejo das atividades humanas que sejam significativas e dialógicas como tecnologia de mediação sócio-ocupacional, a fim de estimular a participação social da pessoa, família, grupos e comunidade em atividades culturais, expressivas, econômicas, corporais, lúdicas e de convivência, dentre outras. [...] o conhecimento científico e prático acumulado do terapeuta ocupacional nos processos socioterapêuticos, programas e projetos de inclusão social, de enfrentamento de estigmas, preconceitos e outros processos de exclusão social (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional [Coffito], 2010, p. 80).*

Por meio da análise dessa Resolução, fazem-se necessárias e urgentes a inclusão e apresentação das diversas atuações nas áreas de competência da terapia ocupacional, desde o início da graduação. É um dever das instituições de ensino superior estimular a adesão dos estudantes às discussões com conteúdo que envolve os marcadores sociais da diferença.

No caso da UnB, houve um bom engajamento das estudantes na disciplina, desenvolvendo o pensamento crítico sobre as diversas experiências dos sujeitos marcados por lógicas de opressão, e de como a terapia ocupacional pode contribuir para a sua emancipação social. Uma das atividades realizadas pelos estudantes foi a construção da “Narrativa de Si” (Figura 1), que exploram seus próprios marcadores sociais da diferença, para pensar como esses envolvem seus cotidianos e modos de vida.

## Figura 1

Atividade “Narrativa de Si” realizada pela estudante (informação suprimida) na Disciplina Pesquisa em Terapia Ocupacional 1 do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia, em 2021.



**Nota.** Arquivo pessoal.

Assim como afirma o filósofo Edgar Morin, os “saberes não devem ser compartimentados, fechados dentro das áreas de conhecimento, mas, pelo contrário, articulados entre si para que o ser humano possa ser compreendido na sua complexidade” (Leffa, 2006, p. 35). Nesse sentido, reitera-se o que o presente trabalho defende e discute a importância de uma formação generalista, mas que tenha o compromisso de apreender as questões sociopolíticas, culturais, sociais, diversas, éticas, inclusivas e antiopressivas.

Em conformidade com Melo et al. (2023) e Melo e Lopes (2023), entende-se que compreender os marcadores sociais da diferença é fundamental para apreender os modos de vida que rompem com a normatividade de cotidianos, que, em muitos momentos, “compõe as sutilezas – por vezes gritantes – da inviabilidade do viver a vida que o terapeuta ocupacional pode encontrar ao se deparar com as marcas das construções identitárias não normativas no exercício da vida social” (Melo & Lopes, 2023, p. 21).

A partir dessa experiência, é possível refletir a importância de expandir essas discussões para movimentar diretrizes futuras que formem terapeutas ocupacionais já conscientes de suas diversas atuações políticas, sociais e culturais, visando fortalecer as reflexões já existentes desde 2020 para a formação de novas DCNs do curso de terapia ocupacional (Brasil, 2020).

Ademais, o novo currículo do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia, já aprovado e em processo de implementação, possui uma disciplina obrigatória, denominada *Terapia Ocupacional, Cultura e Diversidade*, com 30 horas teóricas, a qual será oferecida para as estudantes do quarto período (2º ano), definida com a ementa que visa: compreender os fenômenos históricos e da contemporaneidade a partir dos aspectos culturais e de diversidade (raça/etnia, sexualidade, gênero, classe, dissidências relacionadas à deficiência e às questões psicossociais, etc.), permitindo o estudo da diversidade e as suas representações na sociedade e no contexto da prática da Terapia Ocupacional (UnB, 2023).

A nova disciplina obrigatória terá disciplinas como pré-requisito que abordam os conteúdos das ciências sociais e são ofertadas a diferentes cursos do campus (*Saúde e Sociedade 1: introdução às ciências sociais em saúde, Saúde e Sociedade 2: O processo saúde-doença como construção social*), e disciplinas que abordam os fundamentos históricos e teóricos da profissão (*Introdução à Terapia Ocupacional, Fundamentos em Terapia Ocupacional 1: epistemologia e paradigmas e Fundamentos em Terapia Ocupacional 2: ocupação, atividade e cotidiano*), tendo em vista consolidar o conteúdo a partir de um conhecimento prévio das estudantes sobre problemáticas sociais e terapia ocupacional, com a finalidade de realizar um debate mais direto com a práxis concreta profissional, frente aos aspectos culturais e de diversidade. Entende-

se que a construção da disciplina e seus conteúdos foi fruto do processo de reivindicação iniciado e constantemente reforçado pelas estudantes, o que deu o tom no debate sobre os novos parâmetros de formação no curso.

### 3. Conclusões

Essa experiência mostra a relevância da presença de *disciplinas optativas* e obrigatórias nos cursos de Terapia Ocupacional que abordem os marcadores sociais da diferença, de modo que haja uma formação de profissionais engajados, que se alinhem a uma prática técnica, ética e política e estejam atentos às coletividades, buscando realizar uma práxis antiopressiva e contra-hegemônica.

A Federação Mundial de Terapeutas Ocupacional (World Federation of Occupational Therapists [WFOT], 2010) reconhece a crescente tomada de consciência e foco na Cultura e Diversidade pelo campo da Terapia Ocupacional, o que está relacionado com a prestação de serviços voltados à necessidade de uma sociedade inclusiva, na qual todas as pessoas se beneficiem de oportunidades iguais de participação. Isso vai ao encontro das novas DCNs da graduação em Terapia Ocupacional, em processo de análise pelo Conselho Nacional de Educação, que propõem a formação de um profissional generalista, humanista, crítico-reflexivo, capaz de analisar, compreender e atuar com e na relação entre pessoas, grupos, coletivos e populações (Brasil, 2020).

Assim, os documentos destacam a importância da formação de Terapeutas Ocupacionais sensíveis às questões da diversidade, capazes de realizar práticas inclusivas e culturalmente seguras.

Por fim, vale destacar que experiências como essas descritas são cruciais para reformularmos a formação em Terapia Ocupacional. Nesse caso, a iniciativa, articulada pelas estudantes, foi impor-

tante para a reivindicação e criação de uma disciplina obrigatória para o curso de Terapia Ocupacional da UnB, Faculdade da Ceilândia, que abordasse as temáticas, trazendo o debate com mais força e legitimidade para a formação profissional, que irá, certamente, fomentar práticas terapêutico-ocupacionais mais transformadoras.

#### 4. Referencias

- Barros, D. D., Almeida, M. C., & Vecchia, T. C. (2007). Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 18(3), 128-134.
- Brasil. (2002, 19 de fevereiro). Resolução CNE/CES 6, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, seção 1, p. 12. Recuperado em 5 de dezembro de 2023, de <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES062002.pdf>
- Brasil. (2020, 4 de dezembro). Resolução n.º 650, de 4 de dezembro de 2020. Dispõe sobre as recomendações do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação Bacharelado em Terapia Ocupacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília. Recuperado em 24 de fevereiro de 2024, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes-cns/resolucoes-2020/1502-resolucao-n-650-de-04-de-dezembro-de-2020>
- Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. (2010, 22 de dezembro). Resolução nº. 383, de 22 de dezembro de 2010. Define as competências do Terapeuta Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. Recuperado em 24 de fevereiro de 2024, de <https://www.cofito.gov.br/nsite/?p=3146>
- Farias, M. N., & Lopes, R. E. (2022). Social occupational therapy, anti-oppression and freedom: considerations about the revolution of/in everyday life. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30(spe), e3100. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN234531002>
- Grenier, M. L., Zafran, H., & Roy, L. (2020). Current landscape of teaching diversity in occupational therapy education: A scoping review. *The American Journal of Occupational Therapy*, 74(6), 7406205100p1-7406205100p15.
- Leffa, V. J. (2006). Transdisciplinaridade no ensino de línguas A perspectiva das Teorias da Complexidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 6, 27-49.
- Lopes, R. E. (2023). Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. In R. E. Lopes & A. P. S. Malfitano (Eds.), *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp. 33-52). EdUFSCar.
- Melo, K. M. M., Malfitano, A. P. S., & Lopes, R. E. (2020). Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(3), 1061-1071. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1877>
- Melo, K. M. M., Farias, M. N., & Lopes, R. E. (2023). Terapia ocupacional social e justiça social: diálogos a partir das demandas trans. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31, e3421. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO26223421>

- Melo, K. M. M., & Lopes, R. E. (2023). Modos de vida, experiências trans e enfrentamentos: considerações para a ação técnica em terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31(spe), e3225. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO246532251>
- Moura, A. L. G., Silva, J. D. M., Farias, M. N., & Barreiro, R. G. (2021). Discutindo os marcadores sociais na graduação de terapia ocupacional: um relato da Universidade de Brasília. In IV Semana CATO UFSCar. São Carlos, São Paulo, Brasil.
- Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia - UnB. (2009). Fluxograma do Curso, listagem do Fluxo de Habilitação. Recuperado em 22 de maio de 2022, de <http://fce.unb.br/images/documentos/graduacao/terapiaocupacional/fluxograma/Matricula%20Web%20%20Lista-gem%20de%20Fluxo%20de%20Habilitacao.pdf>
- Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia - UnB. (2023). Projeto político pedagógico do curso de Terapia Ocupacional. Recuperado em 22 de maio de 2023, de <http://fce.unb.br/images/documentos/graduacao/terapiaocupacional/fluxograma/Matricula%20Web%20%20Lista-gem%20de%20Fluxo%20de%20Habilitacao.pdf>
- World Federation of Occupational Therapists - WFOT. (2010). Tomada de Posição - Diversidade e Cultura.



Formação de terapeutas ocupacionais para a antiopressão: A experiência de uma universidade brasileira © 2023 by Ana Laura Gomes de Moura is licensed under [CC BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)